

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
13 de maio de 2022

ÁLVARO LAPA: A LITERATURA / 2008

um filme de Jorge Silva Melo

Realização: Jorge Silva Melo / **Imagem:** José Luís Carvalhosa, Rui Poças / **Som:** Armanda Carvalho, Quintino Bastos, Pedro Caldas, Emídio Buchinho / **Montagem:** Vítor Alves / **Com:** Álvaro Lapa, Jorge Silva Melo, Pedro Gil

Produção: Artistas Unidos, Rogério Ceitil Audiovisuais / **Produtor:** Manuel João Águas / **Cópia:** Betacam digital, cor, 100 minutos / **Estreia em Portugal:** Indie Lisboa, 25 de Abril de 2008

Depois de ter revelado «o teatro dos outros» em Nikias Skapinakis, Jorge Silva Melo diz de novo ao que vem quando logo em título reconduz Álvaro Lapa à «literatura». Se reconhecemos perfeitamente a figuração teatral dos «outros» na distância de Skapinakis, ainda mais facilmente encontramos o impulso literário em Lapa. E no entanto, são filmes muito diferentes, porque tratam artistas quase opostos. Se Skapinakis é altivo e articulado, Lapa é uma figura trágica e tímida. Silva Melo fala do «enigma» e da «intensidade» de Lapa, e essa intensidade e enigma (biográficos) são associados pelo próprio a uma espécie de trauma social. Um trauma que tem como consequências uma introversão, uma «marginalidade», uma frontalidade quase brutal. E, por vezes, ao puro e simples masoquismo. As entrevistas com Lapa, uma da década de 1990 e outra pouco antes da sua morte, são tão doídas que a personalidade de Lapa domina completamente a visão dos seus trabalhos, mesmo quando a autobiografia, nos quadros, parece indirecta ou hermética. Não é só a obra pictórica de Lapa que é literária, não é só a sua obra publicada, *é a própria figura* Álvaro Lapa que aponta para esse enigma intenso a que chamamos literatura.

O documentário tem dois arcos temporais que se cruzam. Um pessoal, outro público. O pessoal vai da descoberta dos primeiros trabalhos de Lapa, tinha Jorge Silva Melo dezasseis anos, até ao encontro décadas mais tarde para um filme sobre Joaquim Bravo. O público acompanha os inícios eborenses até à consagração com o prémio EDP e a retrospectiva que viria a ser a última exposição. Quando Silva Melo «descobriu» Lapa, em 1964, o que o fascinou foi a existência de uma arte não académica, tão aberta ao mundo da pintura (Jasper Johns e Robert Motherwell, nomeadamente) mas tão fora do mundo lisboeta. Como se explica que em Évora, e na mesma época, aparecesse aquele grupo, Charrua, Bravo, Palolo, Lapa, que se iam abastecer das novidades a Lisboa, folheavam álbuns dos «americanos» e eram endoutrinados por Vergílio Ferreira, também habitante da cidade? A verdade é que em torno desse núcleo de amigos surgiu um dos «movimentos» mais estimulantes da pintura portuguesa moderna. Lapa, dentro do grupo, era o mais reticente, o mais reservado, o mais magoado. Nos anos 1960, Lapa era um artista fracassado, trabalhava mas não vendia,

não se fazia notado. O trauma social e psicológico («a humilhação leva à morte», cita) e a propensão solitária e radical fazem com que se aproxime da geração *beat* americana. A clássicos «elitistas» como Homero ele diz que não tinha acesso, e preferia contemporâneos em quem se reconhecesse vivencialmente. Recria em Lagos um Big Sur algarvio, uma «comunidade», mas depois retira-se para um casebre miserável em Porto de Mós. É o período dos «buracos negros», que na sua pintura figuram o encontro com a desolação física e mental, ajudada pela descoberta de escritores como Lowry, poeta da desgraça.

Essa desgraça, ética e estética, marca uma viragem que nasce precisamente de um encontro com a literatura. A partir de 1972 Lapa começa a escrever, e a sua obra pictórica, especialmente difícil de analisar (José Gil: «Uma linguagem tão singular que ainda ninguém lhe descobriu o código») é contaminada pelo impulso literário. Lapa diz que a pintura é *esforço* e a literatura *evidência*, e os seus textos (herdeiros de Joyce, Michaux, Miller, Burroughs) representam um caso único na prosa portuguesa de «vanguardismo» *afectivo*, e não apenas intelectualizado. *Raso como o Chão* (1977) ou *Barulheira* (1981) são obras tão notáveis e únicas como as «sequências narrativas» que vai desenvolvendo na obra plástica, com aquelas personagens reincidentes e misteriosas: o escritor falhado Abdul Varetti ou a criatura budista chamada Milarepa. Alguns desses quadros incorporam frases, aforismos, legendas, *cut ups*, e há mesmo uma série, os «Cadernos» de dezoitos escritores, que é o ponto de confluência das leituras de Lapa e do seu universo ainda e sempre enigmático: veja-se o «Caderno de Céline», de uma tragédia que vai além da sua breve sugestão sanguinolenta.

O filme de Jorge Silva Melo é feito quando Lapa já encontrou estabilidade, foi professor em Belas Artes, é reconhecido pela crítica, tem encomendas públicas e até exhibe alguma aparente «*joie de vivre*». Mas continua intacto o antigo «terror perante a verdade», o fervor poético, e o justificado fatalismo. Com um tumor diagnosticado e por isso à espera da morte certa, Lapa continua, como Silva Melo escreveu noutra ocasião, *impávido e trememente* perante o mundo.

Então o filme dá um último passo. Quando o cineasta filma uma exposição de Lapa a ser desmontada, em tristíssima elegia, passa simbolicamente o testemunho, esse que Jorge Silva Melo recebeu em 1964. Assim como ouvimos Lapa elogiar a juventude, a juventude disponível e entusiasta, assistimos agora à entrada em cena do jovem actor Pedro Gil (até aí simples ouvinte), que lê textos e aprende. Aprende a mesma liberdade poética que viajou de Lapa para Silva Melo, e que agora circula de novo. E aprende aquele lema de vida que podemos repetir até à exaustão: «O que é importante é fazer. Fazer, fazer. Fazer». Mesmo que só muito mais tarde alguém repare.

Pedro Mexia